

### **VOX POPULI, VOX DEI**

Uma das fórmulas utilizadas para a tomada de decisões é o consenso. Ele aparece em vários modelos organizacionais, sendo expresso pelo voto da maioria. Ao apertar um botão, levantar a mão ou dizer um vigoroso “sim”, as pessoas manifestam sua vontade e a decisão é tomada em função delas. Assim escolhemos governantes, respondemos a plebiscitos e expressamos nossa opinião.

O poder do consenso é tão grande que a frase “a voz do povo é a voz de Deus” se tornou um argumento para fortalecer a ideia de que a decisão da maioria é a última palavra e a decisão mais correta. Mas será isso mesmo? Aliás, é curiosa a origem dessa frase. Ela está presente em uma carta de Alcuíno para Carlos Magno no ano 798 e tem o seguinte contexto: “E essas pessoas não devem ser ouvidas por quem continua dizendo que a voz do povo é a voz de Deus, já que a devassidão da multidão sempre está muito próxima da loucura” (*The Concise Oxford Dictionary of Quotations*). Joaquina Pires-O’Brien explica que originalmente a frase nasce de uma sugestão de Alcuíno a Carlos Magno para este não dar ouvidos aos que afirmavam *vox populi, vox dei*. Alcuíno sugeriu que a voz da turba era mais parecida com a voz da loucura do que com a sabedoria divina.

Sem entrar com profundidade nessa questão, vamos apenas ponderar um fato: e quando o consenso parte de impressões erradas sobre um tema, temor do futuro, manipulação de massa ou outros elementos capazes de influenciar a maioria? E quando o marketing muito bem feito vende uma ideia falsa? Já vimos isso uma série de vezes no decorrer da história e com certeza podemos afirmar que em muitos momentos a voz do povo não foi a voz de Deus, mas sim a voz do artista, do profissional, do opressor e de outros que com grande poder de influência conduziram as massas a tomar decisões das quais mais tarde até se arrependeriam. Em alguns momentos a voz do povo foi apenas a amplificação de vozes egoístas, maldosas, corruptas ou medrosas. Como diferenciar essas vozes da voz de Deus? O que seria de fato a “voz de Deus”? Para o cristão, a revelação da vontade de Deus. Ou pelo menos algo que combine com os princípios expressos na Palavra de Deus. Para o incrédulo, a voz de Deus pode ser apenas algo bom ou alguma decisão que seja vantajosa para todos.

É muito sério afirmar que uma decisão da maioria é a voz de Deus. Em alguns momentos a impressão que dá é que ela é a voz do diabo. Que tal criar em sua mente cenas em que a maioria decidiu por fazer algo terrível? Lembra-se de casos assim? Possivelmente virá à sua mente a lembrança de crimes, desrespeito à vida, abusos de autoridade e outras situações em que a maioria tomou uma decisão que é totalmente oposta aos princípios da Palavra de Deus. E ao criarmos essa cena em nossa mente, fica difícil declarar que a voz do povo é a voz de Deus. A não ser que estejamos falando de outro deus. Talvez um deus de impunidade, ganância, maldade, egoísmo e outros valores que não fazem parte da essência do Deus descrito na Bíblia.

Nem sempre a voz da maioria e do consenso é a voz do Deus vivo. Ou a voz que reproduz os princípios da Palavra de Deus. Por isso o consenso deve ser analisado de modo mais crítico. Deve ser avaliado por olhos que considerem valores maiores do que a vontade da maioria. Não é porque a maioria decidiu que está certo. Respeitamos as decisões da maioria e nos submetemos a elas. Mas por vezes serão decisões erradas, que não são a voz de Deus, mas sim a voz mais nítida da nossa humanidade. Sacralizar a decisão da maioria é colocar o coração humano acima da revelação divina, e isso é perigosíssimo. A voz do povo reflete a voz de Deus quando é tomada em total coerência com os ensinamentos de Deus expressos na Palavra. Quando é acompanhada por uma mente transformada por Jesus Cristo e dirigida pelo Espírito Santo de Deus. E, ainda assim, o *vox populi, vox dei* deve vir acompanhado de muito temor e humildade por parte de cada um que levanta a mão, aperta o botão ou diz “sim”. Qualquer outro

sentimento não combinará com o Deus vivo, que muitas vezes está em silêncio, enquanto o povo decide equivocadamente e põe sobre Ele a responsabilidade da decisão.